

Brizola faz todas as vazas

LUÍS AURÉLIO LINS

É claro que Lula não aceitará a proposta de Brizola de dupla renúncia para legar a Mário Covas a missão de enfrentar Collor no dia 17 de dezembro. Não corresponde à índole de xiitas ceder ao bom senso. E mesmo que, num gesto de humildade inesperável, o candidato do PT se dispusesse a ceder a vaga, seria de se esperar uma onda de frustração e revolta dos seus fiéis, bastante para impedir-lhe o gesto.

Tal certeza não desmerece a iniciativa de Leonel Brizola. Por esta, pelo contrário, passa uma centelha de gênio político: já com a nau adernada e meio afundada, o candidato do PDT dispara um exocet bem no nariz do competidor que acaba de lhe destruir o sonho de toda uma vida.

Que hipóteses teria Brizola a considerar, para continuar andando depois de derrotado? Apoiar Collor? Impossível. Omitir-se? Seria o mesmo que aposentar-se. Apoiar Lula? Bem, sim, talvez, em termos, quem sabe. Com a agravante de que, no último debate em televisão, ele se dissera disposto a subir ao palanque de Lula, se fosse este o vencedor, e convo-

cara o eleitor a votar em qualquer dos candidatos afins.

Ora, terá pensado o antigo candidato do PDT: 1. Lula parte com uma defasagem de cerca de nove milhões de votos em relação a Collor. 2. É uma candidatura radical, que não tende a somar pelo centro. 3. Numa eleição isolada, é muito improvável que um sistema de forças transfira para outro o seu eleitorado. 4. No caso particular de Brizola, sua votação no Rio e sobretudo no Rio Grande do Sul não tem marca de partido nem de ideologia; é pessoal, resultante da popularidade que granjeou com seus governos. 5. O Rio Grande do Sul é um dos Estados socialmente mais equilibrados do País e dispõe de um número imenso de pequenos proprietários, que votaram em Brizola — fervoroso praticante do direito de propriedade —, mas jamais depositariam sua confiança numa candidatura extremista como a da Frente Brasil.

Na segunda ordem de especulações, ele poderá também ter pensado assim:

1. Se Lula, por absurdo, ganhar a eleição, não fará nenhum governo de coalizão, mas sim permanecerá fechado com seu programa que, por exemplo, o PC do B não admite que seja mexido; assim, o PDT se faria mero caudatário da eleição de Lula. 1.2. Se esse, uma vez empossado, se desse bem no Planalto — o que é ainda mais improvável em face dos freios da Constituição e de estar marcada para o ano de '90 a renovação do Congresso Nacio-

nal —, caberia ao PDT o mofino papel de claque do Governo, com provável preço altíssimo a pagar nas eleições do próximo ano. 1.3. Se Lula, pelo contrário, se desse mal no Governo, o PDT teria que atacá-lo sob o constrangimento de ter sido corresponsável pela sua eleição. 2. Se Lula perdesse a eleição, o PDT estaria involuntariamente confessando a nulidade do valor de seu apoio.

Finalmente, uma terceira ordem de hipóteses pode ter passado pela cabeça de Brizola: 1. Lula, percebendo que sua candidatura se esvazia fulminantemente, aceita a proposta de Brizola e renuncia. 2. Covas se torna o candidato anti-Collor, é um candidato de muito maior capacidade de aglutinação e pode enfrentar Collor com chances reais de vitória. 2.1. Covas vence a eleição e forçosamente terá que fazer um governo de aliança real com o PDT, ao mesmo tempo em que encaminha o País para o parlamentarismo já em 90. 2.1.1. Nesse caso, Brizola disputaria a eleição para senador ou deputado, já de olho na possibilidade de tornar-se primeiro-ministro. 2.2. Covas perde a eleição. Paciência. Brizola fez o possível; terá arrasado o PT, que é a principal ameaça ao populismo do PDT, e se organiza para uma oposição tenaz e sem remorsos ao Governo de Fernando Collor.

Resumindo a ópera: jogando de mano com Lula, Brizola faz todas as vazas e deixa Lula com uma única carta na mão: o mico-preto.

Luís Aurélio Lins é jornalista.